

Acadêmicos em saúde e o conhecimento sobre informações nutricionais

Academics in health and knowledge about nutritional information

Júlia Wagner Ciscato¹ & Andréa Fraga Guimarães Costa²

¹Nutricionista. Residente do Programa Multiprofissional em Saúde Intensiva da Universidade São Francisco, Bragança Paulista – SP, Brasil. Email: juliaciscato.nutricao@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8659-561X>.

²Nutricionista. Mestre em Farmacologia. Docente dos cursos de graduação em Nutrição e Medicina do Centro Universitário São Camilo, São Paulo – SP, Brasil. E-mail: andrea.fraga@prof.saocamilo-sp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6506-2526>.

Resumo- O conhecimento em nutrição é considerado importante elemento do nível de saúde do indivíduo e, em particular, daqueles que atuam ou atuarão na área. O objetivo do estudo foi verificar o conhecimento entre universitários da área da saúde sobre informações nutricionais em alimentos. Estudantes de biomedicina, enfermagem, farmácia, fisioterapia, medicina, nutrição e psicologia, responderam questões sobre rótulos, fibras, gorduras, açúcares e sódio do Questionário de Conhecimentos em Nutrição. Os acertos foram categorizados em: $\leq 50\%$ “baixo conhecimento”, 51 a 69 %, “conhecimento intermediário” e $\geq 70\%$ “alto conhecimento”. Em 259 respostas, 139 eram do curso de nutrição e 120 dos demais cursos. A idade média foi $28 \pm 10,5$ anos, sendo 90,3% do sexo feminino e 9,7% do sexo masculino. As respostas de todos os estudantes, mostrou conhecimento “alto” para rótulos (75,2%), fibras (70,5%), gordura (72,8%) e sódio (95,4%) e “intermediário” para açúcares (63,3%). A exclusão das respostas do curso de nutrição mostrou conhecimento “baixo” para fibra (42,3%) e açúcares (46,6%), “intermediário” para gordura (65%) e rótulos (65,3%) e “alto” para sódio (94,2 %). Observa-se que o conhecimento em alimentação e nutrição entre estudantes da área da saúde, exceto nutrição, precisa ser aprimorado, especialmente no que se refere ao conteúdo de fibras, açúcares, gorduras nos alimentos e leitura de rótulos.

Palavras-chave: Conhecimento. Nutrição. Estudantes de Ciências da Saúde.

Abstract- The nutritional knowledge is a element of the health level and very relevant in the training of students in the health field. The objective of the study was to verify the knowledge of university students in the health area about nutritional information in foods. Biomedicine, nursing, pharmacy, physiotherapy, medicine, nutrition and psychology students answered questions about labels, fibers, fats, sugars and sodium in the Nutrition Knowledge Questionnaire. The correct answers were categorized into: $\leq 50\%$ "low knowledge", 51 to 69%, "intermediate knowledge" and $\geq 70\%$ "high knowledge". A total of 259 responses, 139 were from the nutrition course and 120 from the other courses. The mean age was 28 ± 10.5 years, with 90.3% female and 9.7% male. The responses of all students, showed “high” knowledge for labels (75.2%), fibers (70.5%), fat (72.8%) and sodium (95.4%) and “intermediate” for sugar (63.3%). By excluding the responses of nutrition course, the answers showed "low" knowledge to fiber (42.3%) and sugar (46.6%), "intermediate" for fat (65%) and labels (65.3%) and “high” for sodium (94.2%). It was observed that the knowledge of food and nutrition among students in the health area, except nutrition, needs to be improved, especially with regard to the content of fibers, sugars, fats in food and reading labels.

Keywords: Knowledge. Nutrition. Students Health Occupations.

1 INTRODUÇÃO

O Plano de Ações Estratégicas para o Enfrentamento das Doenças Crônicas não Transmissíveis no Brasil para 2021-2030, mostrou que, em 2019, 54,7% dos óbitos registrados no país foram causados por doenças crônicas não transmissíveis (DCNT), sendo os principais fatores de risco para o adoecimento: o tabagismo, consumo de álcool, alimentação não saudável e inatividade física. Segundo o relatório, esses fatores podem ser modificados por meio da educação e comunicação em saúde e mudanças de comportamento (BRASIL, 2021).

Alinhado a esses elementos, segundo os indicadores da Pesquisa de Orçamentos Familiares de 2017-2018, o

padrão de consumo alimentar do adulto brasileiro ainda é predominantemente baseado em alimentos in natura ou minimamente processados, no entanto, alimentos ultraprocessados já contribuem com quase um quinto das calorias consumidas, com destaque para biscoito salgado e salgadinho “de pacote”, pães industrializados, biscoitos doces e frios e embutidos (IBGE, 2020).

Embora o Brasil tenha lidado por anos com o problema dos índices crescentes de pessoas com excesso de peso e sua relação com o consumo de alimentos ultraprocessados (BRASIL, 2021, IBGE, 2020), as recentes crises (política, econômica, de seguridade social e sanitária) vivenciadas pelo país, geraram considerável impacto na segurança alimentar, acentuando as desigualdades alimentares

Aceito para publicação em: 27 de junho de 2023 e publicado em 08 de agosto de 2023.



entre uma parcela da população brasileira, sobretudo, quanto ao acesso a alimentos saudáveis de forma regular e em quantidade e qualidade suficientes, o que pode provocar danos à saúde global da população (GALINDO et al., 2021).

Considerando especialmente a fração jovem da população e o ambiente universitário, já foi demonstrado que a alimentação dos estudantes, independentemente da área, apresenta-se, de modo geral, inadequada, em razão da elevada ingestão de alimentos industrializados ricos em açúcar e baixo consumo de frutas, hortaliças e grãos (LIRA et al., 2020). Diante desses resultados, constata-se a importância de programas dentro das próprias universidades que visem a promoção da saúde entre seus estudantes.

Contudo, sabe-se que as escolhas alimentares são definidas por inúmeras variáveis. O comportamento alimentar envolve desde a escolha até a ingestão dos alimentos e o hábito alimentar refere-se à frequência de consumo, assim pode-se dizer que o comportamento define o hábito e esses podem ser determinados por vários fatores intrínsecos e extrínsecos e aspectos biopsicossociais nos quais a pessoa está inserida (PEPE et al., 2022), o que confirma a complexidade das escolhas alimentares individuais.

O conhecimento em alimentação e saúde para mudar o comportamento e escolha alimentares, mas somente o conhecimento talvez não seja capaz e suficiente para mudanças consistente e de longo prazo, mesmo assim, educação alimentar e nutricional ainda é uma das principais estratégias. Combinar diferentes táticas parece ser a forma mais eficaz de alcançar um consumo alimentar mais saudável (PEREZ-CUETO, 2019).

Como recurso de educação alimentar e nutricional, em 2014, o Ministério da Saúde publicou o Guia Alimentar para a População Brasileira. O documento foi redigido visando promoção da saúde e a prevenção de enfermidades por meio de alimentação adequada e saudável e para ser utilizado por toda a população, sobretudo profissionais da saúde. Essencialmente, entre as recomendações do guia, destaca-se a importância do consumo regular de alimentos de origem vegetal, ricos em fibras, vitaminas e minerais, bem como a moderação no consumo de produtos processados e ultraprocessados, ou seja, aqueles com alto teor de açúcar, gorduras e sódio (BRASIL, 2014). Recentemente, o Ministério da Saúde também publicou Protocolos de uso do Guia Alimentar para a População Brasileira na Orientação Alimentar (BRASIL, 2021), visando apoiar profissionais de saúde e equipes de Atenção Primária do Sistema Único de Saúde (SUS) na implantação e disseminação de recomendações sobre alimentação saudável.

Desta forma, nota-se a importância de pesquisas que investiguem o conhecimento em alimentação e nutrição entre universitários, visto que o conhecimento pode ser considerado componente integral do nível de saúde do indivíduo e, potencialmente, relevante entre estudantes da área da saúde já que serão multiplicadores dos saberes em saúde e nutrição. Por isso, o objetivo desse estudo foi verificar o conhecimento entre universitários da área da saúde sobre leitura de rótulos e conteúdo de fibras, gorduras, açúcares e sódio nos alimentos.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Estudo observacional, transversal e descritivo com coleta de dados primários, conduzido no Centro Universitário São Camilo - São Paulo, instituição privada de ensino superior, localizada no município de São Paulo, que possui cursos na área da saúde, entre eles o curso de graduação em biomedicina, enfermagem, farmácia, fisioterapia, medicina, nutrição e psicologia.

Participaram da pesquisa estudantes de ambos os sexos e com idade igual ou superior a 18 anos, regularmente matriculados em 2019 nos cursos da instituição de ensino.

O trabalho obedeceu aos princípios éticos inerentes a pesquisas envolvendo seres humanos e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Universitário São Camilo (CoEP) com parecer substanciado 3.531.116/19. Após a aprovação, os participantes foram convidados a responder a pesquisa por meio de mensagem eletrônica que foi enviada para o endereço eletrônico institucional. Na mensagem enviada, inicialmente foi feita uma breve explicação sobre os objetivos da pesquisa e, em seguida, os participantes foram orientados a ler e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e somente após esta etapa respondem um formulário eletrônico (Microsoft Forms®) com questionário validado sobre Conhecimentos em Nutrição em Adultos (QCN) (GUADAGNIN et al., 2016).

O QCN é um instrumento autoaplicável, composto por 20 itens que avaliam o conhecimento em nutrição nos domínios: conhecimento sobre gorduras boas ou ruins, sobre alimentação saudável, sobre práticas alimentares saudáveis, sobre conteúdo de sódio nos alimentos e sobre doenças relacionadas à alimentação (GUADAGNIN et al., 2016).

Baseado nas recomendações do Guia Alimentar para População Brasileira publicado em 2014, foram selecionadas as questões nas categorias de conhecimento do questionário original que abordavam leitura de rótulos de alimentos, conteúdo de fibras em alimentos in natura e minimamente processados, qualidade e quantidade de gorduras, nomenclatura de açúcares e teor de sódio em alimentos processados e ultraprocessados. Assim, foram excluídas desta análise descritiva, as questões do QCN que apresentavam temática diferente do interesse deste estudo e também aquelas com respostas múltiplas e discursivas.

Os acertos, erros e incertezas foram computados e os percentuais de acertos foram analisados e categorizados considerando: $\leq 50\%$ de acertos “baixo conhecimento”, entre 51 a 69 % acertos, “conhecimento intermediário” e $\geq 70\%$ de acertos “alto conhecimento”. Os resultados foram apresentados por frequência simples, sendo expressos por números absolutos e percentuais, assim como as variáveis descritivas de caracterização dos participantes, exceto a idade que foi apresentada por média e desvio padrão.

3 RESULTADOS

O formulário apresentou 259 respostas válidas para esta pesquisa, sendo 139 (53,7%) do curso de nutrição e 120 (46,3%) dos demais cursos da área da saúde (Tabela 1). A idade média dos participantes foi de $28 \pm 10,5$ anos, sendo 234 (90,3%) do sexo feminino e 25 (9,7%) do sexo masculino.

Tabela 1 – Distribuição do número de participantes da pesquisa por curso. Centro Universitário São Camilo – SP, 2019.

CURSO	n	%
Biomedicina	12	4,6
Enfermagem	40	15,4
Farmácia	1	0,4
Fisioterapia	9	3,5
Medicina	23	8,9
Nutrição	139	53,7
Psicologia	35	13,5
Total	259	100%

Considerando as respostas de todos os estudantes, o conhecimento foi considerado “alto” nos temas leitura de rótulos (75,2 %), conteúdo de fibras (70,4 %), de gordura (72,8 %) e sódio (95,4 %) e “intermediário” no tema teor de açúcares (63,3 %). Embora não fosse objetivo primário desse estudo, a exclusão das respostas dos alunos do curso de nutrição mostrou que, como esperado, entre os estudantes de outros cursos da saúde, o conhecimento sobre conteúdo de fibras (42,3 %) e açúcares (46,6 %) foi considerado “baixo”, já sobre

quantidade e qualidade de gorduras (65 %) e leitura de rótulos (65,3 %) foi “intermediário”, porém em relação ao teor de sódio, o conhecimento mostrou-se “alto” (94,2 %). Quando analisado apenas as respostas dos estudantes do curso de nutrição, os resultados foram de “alto” conhecimento sobre todos os assuntos, sendo leitura de rótulos (83,7%), conteúdo de fibras (95,3%), de gorduras (79,5%), de açúcares (77,7%) e teor de sódio (96,4%) (Tabela 2).

Tabela 2. Distribuição do número de acertos, erros e incertezas por tema das perguntas do QCN e respectiva classificação de nível de conhecimento. Centro Universitário São Camilo- SP, 2019.

Tema das perguntas	Curso	Acertos		Erros		Incerteza		Classificação do nível de conhecimento*
		n	%	n	%	n	%	
Leitura de rótulos de alimentos	Todos os cursos (n 259)	194,7	75,2	38	14,7	26,3	10,2	Alto
	Exceto nutrição (n 120)	78,3	65,3	21	17,5	20,7	17,2	Intermediário
	Somente nutrição (n 139)	116,4	83,7	17	12,2	5,6	4	Alto
Conteúdo de fibras nos alimentos in natura e minimamente processados	Todos os cursos (n 259)	183,2	70,4	44,3	17,1	32,3	12,5	Alto
	Exceto nutrição (n 120)	50,7	42,3	46	38,3	23,3	19,4	Baixo
	Somente nutrição (n 139)	132,5	95,3	0	0	9	6,5	Alto
Qualidade e quantidade de gorduras nos alimentos	Todos os cursos (n 259)	188,5	72,8	38	14,7	32,5	12,5	Alto
	Exceto nutrição (n 120)	78	65	23	19,2	19	15,8	Intermediário
	Somente nutrição (n 139)	110,5	79,5	15	10,8	13,5	9,7	Alto
Nomenclatura de açúcares em alimentos processados e ultraprocessados	Todos os cursos (n 259)	164	63,3	44	17	51	19,7	Intermediário
	Exceto nutrição (n 120)	56	46,6	26	21,7	38	31,7	Baixo
	Somente nutrição (n 139)	108	77,7	18	12,9	13	9,4	Alto
Teor de sódio nos alimentos	Todos os cursos (n 259)	247	95,4	4	1,5	8	3,1	Alto
	Exceto nutrição (n 120)	113	94,2	1	0,8	6	5,1	Alto
	Somente nutrição (n 139)	134	96,4	3	2,2	2	1,4	Alto

* ≤ 50 % de acertos “baixo conhecimento”; entre 51 a 69 % acertos, “conhecimento intermediário” e ≥ 70 % de acertos “alto conhecimento”.

4 DISCUSSÃO

Quanto a caracterização dos participantes, o presente estudo assemelha-se a outros trabalhos realizados com estudantes universitários da área da saúde, no que diz respeito a idade média e ao predomínio do sexo feminino (ALMEIDA et al., 2019; BELOGIANNI et al., 2022; MOREIRA et al., 2018).

Acompanhado pelas grandes transformações sociais no Brasil nas últimas décadas, a mudança dos padrões de saúde e hábitos alimentares tem participação significativa no aumento do excesso de peso dos brasileiros e de variados problemas relacionados à alimentação. A transição nutricional para uma dieta que ultrapassa o valor médio de 2000 kcal diária, assemelhando-se a países desenvolvidos, onde a alimentação é muito baseada em alimentos ultraprocessados ricos em açúcar, gordura e sódio, de alta densidade calórica e baixa concentração de nutrientes e, combinada pela diminuição da atividade física, tem relação direta com o aumento das DCNT (IBGE, 2020).

O objetivo deste estudo não foi avaliar o padrão alimentar e o estado nutricional dos participantes, porém baseado no fato de que pode haver relação entre o conhecimento em nutrição e a ingestão alimentar (PEPE et al., 2022; PEREZ-CUETO, 2019), o nível de conhecimento identificado entre os estudantes desta pesquisa que não cursam nutrição, sugere que pode haver um padrão alimentar inadequado nesta população, assim como foi identificado em outros estudos com universitários (ALMEIDA et al., 2019; BELOGIANNI et al., 2022; MOREIRA et al., 2018)

A análise dos dados distinguindo os acertos dos alunos de nutrição e dos demais cursos, sugere que o predomínio na amostra de estudantes de nutrição (53,7%) pode ter influenciado nos resultados positivos no total de participantes. Resultado semelhante já foi apresentado em estudo realizado em Minas Gerais por Almeida et al. (2019) que encontrou associação significativa entre o conhecimento de nutrição e o curso, com melhor desempenho entre os acadêmicos do curso de nutrição quando comparados aos alunos do curso de biomedicina, medicina e enfermagem.

Por outro lado, Oliveira et al. (2017) estudaram o perfil dos acadêmicos do curso de nutrição e constataram que a maior parte dos participantes apresentava um bom estado nutricional (77%), porém, apesar dos conhecimentos adquiridos durante a graduação, seus hábitos alimentares foram considerados inadequados, pois foram encontrados em suas rotinas, trocas de refeições por lanches, consumo de doces e fast food.

Esses dados sugerem que o conhecimento de estudantes e de nutricionistas já graduados deve ser constantemente avaliado, visto que estudos documentam preocupações sobre a deficiência de conhecimento nutricional geral de neste grupo. Rojo et al. (2020), observaram que há conflitos significativos não apenas nos aspectos de aconselhamento dietético, mas também no conhecimento sobre graus de evidência científica. As razões para a falta de consistência são multifatoriais, mas certamente incluem lacunas consideráveis no ensino da nutrição. Os autores aconselham um ajustamento no conteúdo de nutrição nas universidades para mitigar as incongruências encontradas.

Já entre os estudantes da área da saúde de maneira geral (medicina, enfermagem e fisioterapia), Belogianni et al. (2021) constataram, em estudo realizado no Reino Unido, que a maioria não conseguiu demonstrar um bom nível de

conhecimento em nutrição, embora seus resultados tenham sido melhores quando comparados a acadêmicos que não estudam saúde. Os autores sugerem que intervenções de educação em nutrição seriam benéficas para todos o alunado, independentemente do curso.

Estudo similar, realizado no México por Gutiérrez et al. (2017), verificou um conhecimento insuficiente sobre nutrição nos acadêmicos de medicina e enfermagem, uma vez que o número médio de acertos foi inferior a 80%. Assim como esperado e também encontrado no presente estudo, as maiores médias corresponderam aos alunos da licenciatura em nutrição. Em relação ao conhecimento dos nutrientes dos diversos alimentos, os estudantes de medicina e enfermagem obtiveram notas com médias de 56,6 e 58,1 respectivamente, o que mostrou diferença significativa quando ambos os grupos foram comparados com os estudantes de nutrição (75,9). Contudo, apesar do grupo nutrição ter obtido a maior pontuação, essa pontuação não atingiu 80%, que é a média mínima que foi considerada como adequada para o conhecimento. Por isso, embora os estudantes de nutrição pareçam favorecidos, a qualificação mostrou-se deficiente. Não obstante, assim como Belogianni et al. (2021), Gutiérrez et al. (2017) também recomendam a inclusão de disciplinas que contemplem nutrição na grade curricular de todos cursos da área da saúde.

Como exposto anteriormente, alimentação e nutrição têm papel fundamental quando se objetiva a manutenção e promoção de saúde em todos os momentos da vida, além de agir na prevenção das DCNT, sendo necessário que profissionais da saúde tenham um bom conhecimento sobre o assunto para que possam aplicar adequadamente a ciência em sua prática clínica e vida pessoal (BRASIL, 2014).

Entretanto ao constatar que pode haver baixo conhecimento sobre alguns temas abordados pelo Guia Alimentar para População Brasileira (BRASIL, 2014), como teor de fibras em alimentos in natura e minimamente processados e a nomenclatura do açúcar em alimentos processados e ultraprocessados e conhecimento intermediário sobre quantidade e qualidade de gorduras e leitura de rótulos entre os participantes que não cursam nutrição na amostra deste estudo, adverte-se o quanto é importante que o tema o nutrição seja abordado e explorado, principalmente na formação dos profissionais não nutricionistas.

Em sintonia, Chepulis e Mearns (2015), estudaram o conhecimento em nutrição entre graduandos em enfermagem para identificar possíveis lacunas curriculares e observaram que o ensino de nutrição não atendia adequadamente às necessidades dos alunos, nem pessoal ou profissionalmente em seus futuros papéis como enfermeiros. Para os autores, a educação sobre nutrição, alimentação saudável e estilo de vida deveria fazer parte da graduação e da educação continuada de enfermeiros, uma vez que esse conhecimento se traduz não só na qualidade da sua prática clínica, mas também em seu próprio estilo de vida e saúde.

Em 2021, Laing e Crowley, publicaram uma revisão integrativa sobre o ensino de nutrição na graduação de enfermagem e foi identificado que os estudantes carecem de conhecimento nutricional suficiente para desenvolver a capacidade profissional para prestar assistência eficazes aos pacientes. O estudo verificou ainda que os padrões alimentares e hábitos de saúde dos acadêmicos sugerem conhecimento nutricional insuficiente para o autocuidado adequado. A

inclusão de especialistas em nutrição torna-se imprescindível na orientação dos educadores de enfermagem para que possam desenvolver e implementar programas inovadores em cuidados nutricionais para seus estudantes.

Em concordância com esses achados, porém na área médica, uma pesquisa realizada no Brasil, que analisou atitudes e conhecimentos de estudantes de medicina sobre o ensino de nutrição, identificou que a maioria deles (94,3%) demonstrou atitude positiva na prática clínica, enquanto a avaliação de conhecimentos, a média de acertos foi de 61,3% das questões, com melhor desempenho em cardiologia, gastroenterologia, endocrinologia, obesidade e metabolismo de vitaminas. O estudo não observou correlação significativa entre a atitude positiva e seus conhecimentos em nutrição clínica, sugerindo que os futuros médicos podem não se sentir preparados para falar com a população sobre alimentação e nutrição (BARROS et al., 2019).

Ainda sobre a educação médica, revisão sistemática publicada em 2019 que avaliou o ensino em nutrição fornecido durante graduação, mostrou que, independente do país, ano e configuração do tema, a nutrição é inadequadamente reproduzida na formação do médico. O estudo revelou também que os cursos de medicina devem não só oferecer o conhecimento básico e de qualidade em nutrição, mas também ensinar ao futuro médico a reconhecer quando é necessário o encaminhamento a outro profissional da saúde e isso exige o compromisso das instituições de ensino de tornar a ensino da nutrição obrigatório na graduação médica (CROWLEY et al., 2019). No mesmo ano a ESPEN (European Society for Clinical Nutrition and Metabolism) também publicou um posicionamento a favor do ensino obrigatório da nutrição na formação médica (CUERDA et al., 2019).

Estudo qualitativo de Mogre et al. (2018) com estudantes de medicina demonstrou que há um reconhecimento sobre a importância da assistência nutricional, mas há um percepção de que sua formação em nutrição foi inadequada e atribuíram esta inadequação à falta de prioridade para a educação nutricional, ausência de corpo docente preparado no assunto, má aplicação da ciência da nutrição na prática clínica e baixa colaboração interprofissional.

Ações para melhoria do ensino de nutrição para médicos, embora incipientes, já estão em andamento. No Reino Unido, por exemplo, após a constatação que estudantes de medicina relataram sentir-se mal preparados para considerar os fatores nutricionais nas avaliações de cuidados de seus pacientes, em 2022, a AfN (Association for Nutrition) por meio de um grupo de trabalho (Inter-Professional Working Group on Medical Nutrition Education - (AfN IPG), lançou o Currículo de Graduação da AfN em Nutrição para Médicos. O AfN IPG reuniu nutricionistas e médicos do Serviço Nacional de Saúde (NHS- National Health Service), universidades e faculdades de medicina, departamentos governamentais de saúde pública, estudantes de medicina e educadores em nutrição para desenvolver esse currículo, cujo principal objetivo é ser implementável por meio da integração com a atual formação de graduação de médicos. O AfN IPG solicita e recomenda que escolas de medicina incorporem isso na formação de nossos futuros médicos (JONES et al., 2022).

Como estratégia alternativa e mais simples, até que haja uma renovação curricular, capacitação de corpo docente e implementação de novas estratégias de ensino e aprendizagem em nutrição por parte das universidades,

Coppoolse et al. (2020) demonstrou que cursos breves e simples sobre educação nutricional podem melhorar o conhecimento nutricional dos estudantes de medicina e estimular as intenções dos futuros médicos em incorporar o aconselhamento nutricional em sua prática.

Outra interessante experiência, entre estudantes de enfermagem que lidavam com pessoas idosas institucionalizadas, foi estudada por Dogan, Terragni e Raustøl (2022). A perspectiva da alimentação adequada como um direito humano, mostrou-se mais promissora do que a abordagem com a ênfase tradicional na ética do cuidado, onde geralmente o profissional está no centro. A perspectiva de direitos humanos pareceu ser uma maneira de transformar a relação paciente-profissional, colocando o indivíduo no centro da atenção, fazendo o estudante a examinar desafios estruturais, questões sistêmicas, bem como a responsabilidade do Estado em relação ao direito à alimentação adequada. Neste trabalho o alunado de enfermagem demonstrou compreender que o cuidado nutricional vai além da alimentação de uma necessidade física básica, o que vai de encontro com a proposta as diretrizes e os princípios do Guia Alimentar para População Brasileira.

Ainda considerando as diretrizes e princípios deste importante documento, destaca-se que o acesso à informação confiável é determinante para ampliação da autonomia das pessoas em suas escolhas alimentares e essas podem se tornar agentes produtores de saúde, desenvolvendo não só a capacidade de autocuidado e como também de agir sobre os fatores do ambiente que determinam sua saúde e a da população (BRASIL, 2014).

Durante o desenvolvimento desse estudo, observou-se uma série de limitações. Embora as características demográficas dos participantes fossem representativas, a taxa de resposta às pesquisas distribuídas não foi a esperada e a distribuição entre os cursos não foi homogênea. Ademais, o desenho transversal e análise descritiva são mais vulneráveis a erros. Finalmente, o questionário empregado para avaliar o conhecimento em nutrição foi projetado para representar apenas alguns dos conhecimentos gerais mais importantes e nesta publicação foi empregado somente um recorte da ferramenta original. Portanto, é possível que os resultados aqui apresentados não reflitam com precisão o conhecimento de estudantes da área da saúde nos temas abordados.

5 CONCLUSÃO

Observa-se que o conhecimento em alimentação e nutrição entre estudantes da área da saúde, exceto nutrição, precisa ser aprimorado, especialmente no que se refere a leitura de rótulos e ao conteúdo de fibras, açúcares, gorduras nos alimentos.

Os bons resultados apresentados pelos acadêmicos do curso de nutrição, não exige as instituições de ensino superior de manter a qualidade de ensino e proporcionar educação continuada aos seus egressos.

A ciência da nutrição carece ser explorada na formação dos futuros profissionais que cuidarão da saúde integral da população, independentemente, das especificidades de suas profissões.

Vale advertir a escassez de estudos sobre o tema e, portanto, a necessidade de mais trabalhos para detalhamento e aprimoramento de propostas que sejam implantadas na formação em saúde global do país.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. C.; SIQUEIRA, V. S.; ALMEIDA, J. C. Avaliação do conhecimento em nutrição de ingressantes dos cursos de graduação da área de saúde e sua associação com o estado nutricional. *Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento*. v.13, n.79, p.417-427, 2019.

BARROS, M. B.; RODRIGUES, B. D.; PORTO, L. K.; FERREIRA, I. P.; BOTELHO, N. M. Atitudes e conhecimentos de estudantes de medicina sobre nutrição clínica. *Revista Brasileira de Educação Médica*. v.43, n.1, p.127-134, 2019.

BELOGIANNI, K.; OOMS, A.; LYKOU, A.; MOIR, H. Nutrition knowledge among university students in the UK: A cross-sectional study. *Public Health Nutrition*. v.25, n.10, p.2834-2841, 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Guia alimentar para a população brasileira. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde. 156p, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos não Transmissíveis e Promoção da Saúde. *Vigitel Brasil 2017: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico: estimativas sobre frequência e distribuição sociodemográfica de fatores de risco e proteção para doenças crônicas nas capitais dos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal em 2017*. Brasília: Ministério da Saúde. 130p, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Fascículo 1 - Protocolos de uso do guia alimentar para a população brasileira na orientação alimentar: bases teóricas e metodológicas e protocolo para a população adulta [recurso eletrônico]. Ministério da Saúde, Universidade de São Paulo. Brasília : Ministério da Saúde, 26 p, 2021,

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise em Saúde e Vigilância de Doenças Não Transmissíveis. Plano de ações estratégicas para o enfrentamento das doenças crônicas e agravos não transmissíveis no Brasil 2021-2030 [recurso eletrônico]. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Análise em Saúde e Vigilância de Doenças Não Transmissíveis. – Brasília : Ministério da Saúde, 118 p, 2021

CHEPULIS, L. M.; MEARNS, G. J. evaluation of the nutritional knowledge of undergraduate nursing students. *Journal of Nursing Education*. v.54, n. 9, Suppl., p.S103-S106, 2015

COPPOOLSE, H. L.; SEIDELL, J.C.; DIJKSTRA, S.C. Impact of nutrition education on nutritional knowledge and intentions towards nutritional counselling in Dutch medical students: an intervention study. *BMJ Open*. v.10, p.e034377, 2020.

CUERDA C.; MUSCARITOLI, M.; DONINI, L. M.; BAQUE, P.; BARAZZONI, R.; GAUDIO, E.; JEZEK, D. KRZYNARIC, Z.; PIRLICH, M.; SCHETGEN, M. SCHNEIDER, S.; VARGAS, J.A. VAN GOSSUM, A. Nutrition education in medical schools (NEMS). An ESPEN position paper. *Clinical Nutrition*. v.38, p.969-974, 2019.

CROWLEY, J.; BALL, L.; HIDDINK, G. J. Nutrition in medical education: a systematic review. *Lancet Planet Health*. v.3, n.9, p.379-389, 2019.

DOGAN, E. I. K.; TERRAGNI, L. RAUSTØL, A. . Human rights and nutritional care in nurse education: lessons learned *Nursing Ethics*. v.29, n.4, p. 915–926, 2022.

GALINDO, E.; TEIXEIRA, M. A.; DE ARAÚJO, M.; MOTTA, R.; PESSOA, M.; MENDES, L.; RENNO, L. Efeitos da pandemia na alimentação e na situação da segurança alimentar no Brasil. *Food for Justice Working Paper Series*, no. 4. Berlin: Food for Justice: Power, Politics, and Food Inequalities in a Bioeconomy. 34p, 2021.

GUADAGNIN, S.C.; NAKANO, E.Y.; DUTRA, E.S.; CARVALHO, K. M. B.; ITO, M. K. Workplace nutrition knowledge questionnaire: psychometric validation application. *British Journal of Nutrition*. v.116, n.9, p. 1546-1552, 2016.

GUTIÉRREZ, P. P. L.; ORANTES, J. C. R.; CASTILLEJOS, D. E.; OCHOA, S. R. R.; ESQUIVEL, M. T. D.; TRUJILLO, Z. P. M. Conocimientos nutricionales en estudiantes universitarios del sector público del Estado de Chiapas, México. *Investigación en educación médica*. v.6, n.24, p228-233, 2017.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa de orçamentos familiares 2017-2018 : análise do consumo alimentar pessoal no Brasil / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro : IBGE. 120p, 2020.

JONES, G.; MACANINCH, E.; MELLOR, D.; MARTYN, A.S.K.; BUTLER, T.; MOORE, A.J.J.B. Putting nutrition education on the table: development of a curriculum to meet future doctors' needs. *BMJ Nutrition, Prevention & Health*. p.e000510, 2022.

LAING, B. B.; CROWLEY, J. Is undergraduate nursing education sufficient for patient's nutrition care in today's pandemics? Assessing the nutrition knowledge of nursing students: an integrative review. *Nurse Education in Practice*. v.54, p.103-137, 2021.

LIRA, C. R N.; SILVA, L. R.; SANTOS, E. B.; FONSECA, M. C. P; Estilo de vida, consumo alimentar e composição corporal de universitários. *Mundo da Saúde*. v.44, p.239-249, 2020.

MOGRE, V.; STEVENS, F. C. J.; ARYEE, P. A.; AMALBA, A.; SCHERPBIER, A. J. J. A . Why nutrition education is inadequate in the medical curriculum: a qualitative study of

students' perspectives on barriers and strategies. BMC Medical Education. v.18, n.26, p.26-37, 2018.

MOREIRA, M. M.; COSTA, D. G.; SANTOS, V. S.; CARLETO, C. T.; BRAGA, A. M. R.; CARVALHO, B. T.; PEDROSA, L. A. K. Avaliação do comportamento alimentar de estudantes da área da saúde de uma Universidade Pública. Revista Brasileira de Educação e Cultura. n.17, p180-188, 2018.

OLIVEIRA, J. S.; SANTOS, D.O.; RODRIGUES, S. J. M.; OLIVEIRA, C. C.; SOUZA, A. L. C. Avaliação do perfil sociodemográfico, nutricional e alimentar de estudantes de nutrição de uma universidade pública em Lagarto-SE. Revista da Associação Brasileira de Nutrição. v.8, n.2, p.37-42, 2017.

PEPE, R. B.; LOTTENBERG, A. M. P.; FUJIWARA, C. T. H., BEYRUTI, M. Posicionamento sobre o tratamento nutricional do sobrepeso e da obesidade. Departamento de nutrição da Associação Brasileira para o Estudo da obesidade e da síndrome metabólica (ABESO - 2022): São Paulo: Abeso, 257p. 2022.

PEREZ-CUETO, F.J. A. An umbrella review of systematic reviews on food choice and nutrition published between 2017 and-2019. Nutrientes. v.11, n.10, p.2398-2415, 2019.

ROJO, S. S.; VILAR, E. G.; MARTIN, I. S. M. Disparity in general nutrition knowledge among students of Food and Nutritional Sciences, graduates and experienced dieticians. Journal of Negative and No Positive Results. v.5, n.1, p.61-80, 2020.